

A 9 de março de 1916, a Alemanha declarou guerra a Portugal. É nesta data que, oficialmente, Portugal entra na I Guerra Mundial, iniciada em 1914, acabando assim a sua neutralidade perante este conflito mundial. Colocando-se ao lado da sua velha amiga, a Inglaterra, Portugal junta-se a esta e a França na luta contra o inimigo comum, a Alemanha. Através do Corpo Expedicionário Português, Portugal marca presença no teatro de guerra.

O Arquivo Municipal Alfredo Pimenta tem vindo a marcar esta época da nossa história mais recente com várias atividades: uma exposição centrada nos Vimaranenses que lutaram na I Guerra Mundial, debates, ciclos de cinema e agora este número do seu Boletim de Trabalhos Históricos.

Tenta-se, desta forma, dar luz a um tempo ainda muito oculto, um tempo de grande sofrimento de toda a população, os que partiram e os que ficaram, um tempo de perdas e derrotas, um tempo sem heróis visíveis mas com muitos heróis anónimos, um tempo que merece ser reabilitado e dignificado.

Esse tempo, tão próximo de nós, está bem retratado nos vários artigos deste Boletim de Trabalhos Históricos. Partindo de um artigo generalista “1914-1918: A Grande Guerra”, magistralmente escrito por Fernando Dias Conceição, que nos contextualiza e relembra as origens deste conflito, entramos em terrenos mais intimistas, mais familiares, mais localizados na nossa área territorial.

Manuela Alcântara Santos desvenda-nos as memórias de dois combatentes portugueses na célebre e desastrosa Batalha de La Lys, na Flandres francesa, a 9 de abril de 1918. Através dos diários e registos destes dois combatentes assistimos ao seu percurso no território de guerra, o sofrimento por que passaram, os medos e as angústias que sentiram, a morte que sentiram tão perto, os efeitos psicológicos, a fome, os campos de prisioneiros.

O Regimento de Infantaria nº 20 mobilizou cerca de mil vimaranenses para o conflito, dos quais apenas um pequeno número regressou. Carlos Sousa mostra-nos a vida destes homens que partiram para a Flandres, a constituição e o papel da célebre “Brigada do Minho” até ao seu fatal desaparecimento na Batalha de La Lys.

E como reagiram os Vimaranenses da época à entrada de Portugal na Guerra e à mobilização de milhares dos seus homens? É isso que nos mostra Paulo Cunha no seu artigo “As duas pátrias. Os Vimaranenses e a Primeira Guerra Mundial”, a partir de uma análise exaustiva da imprensa local.

Finalmente, Elisabete Pinto tenta mostrar-nos como a população de Guimarães reagiu ao início da Guerra, à entrada de Portugal, ao desenrolar e fim da guerra, tudo a partir de uma análise cronológica ao Jornal O Comercio de Guimarães, entre 1914 e 1918.

Mas este Boletim não fala só de Guerra e temos um magnífico artigo de Maria Adelaide Pereira de Moraes que nos mostra a história da própria casa do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, a casa de Navarros.

Um agradecimento sincero a todos os autores que, de forma abnegada, nos ajudaram a reconstruir a nossa história de 1914 a 1918, nos ajudaram a compreender melhor uma época negra da nossa vida coletiva, a dignificar todos aqueles que na frente da guerra ou nos bastidores, contribuíram para a construção de um mundo melhor.

Adelina Paula Pinto

Julho de 2015